

A BATALHA DO PODER

Autor: Miguel Carqueija

Revisor: Ronald Rahal

INDÍCE

Conteúdo

Autor: Miguel Carqueija.....	1
Revisor: Ronald Rahal.....	1
INDÍCE.....	1
PREFÁCIO.....	4
APOCALIPSE.....	7
CAPÍTULO 1	9
O TREM.....	9
CAPÍTULO 2	33
O CHANCELER	33
CAPÍTULO 3	40
AS FILHAS DOS CIENTISTAS	40
NEM SEMPRE SÃO PERSONAGENS INÚTEIS	40
CAPÍTULO 4	44
IAN TOK.....	44
CAPÍTULO 5	51
LENA.....	51
CAPÍTULO 6	60

LORNE HURNE	60
CAPÍTULO 7	71
A REBELIÃO EVOLUI.....	71
CAPÍTULO 8	82
A MÁSCARA DO FAISÃO	82
CAPÍTULO 9	94
A ARMA TOTAL	94
CAPÍTULO ESPECIAL.....	104
E FOI AQUI QUE VOCÊS ENTRARAM.....	104
CAPÍTULO 10	106
A HORA DA VERDADE	106
CAPÍTULO 11	121
O ÚLTIMO RECURSO	121
CAPÍTULO 12	132
ARMAGEDDON	132
EPÍLOGO	137
O FUTURO CHEGOU.....	137
POSFÁCIO.....	144
OS MUNDOS FANTÁSTICOS DE MIGUEL CARQUEIJA	144
Prof. Msc. Edgar Indalecio Smaniotto.....	144

Nota do autor: esta novela foi publicada originalmente em forma de folhetim, em capítulos no Portal Entretextos, entre 27 de julho e 3 de novembro de 2011. A atual versão foi revisada e recebeu alguns retoques de Ronald Rahal, autor do Prefácio. O Posfácio é assinado pelo Professor Edgar Indalecio Smaniotto.

PREFÁCIO

Confesso que ao ler este novo conto do Miguel Carqueija, procurei ler o mais rápido possível para saber, com bastante expectativa, se a heroína, o Faisão Verde, conseguiria mesmo, apesar de todos os contratempos e dificuldades vencer Saturnino, o Chanceler. Ufa! Conseguiu.

Este novo trabalho, com riquezas de detalhes e um sem número de personagens, com seus diálogos que demonstram suas fraquezas, vícios e virtudes, ressalta a maestria de Carqueija de conduzir uma trama que, aliás, renderia um bom filme de Hollywood.

Admiro a mente criativa de Carqueija que consegue nos trazer mundos alternativos, próprios da fantasia e ficção-científica, que fogem a obras, muitas vezes tediosas e cansativas.

Mas, opiniões são opiniões e só mesmo o leitor, lendo cada capítulo, poderá de fato, dimensionar o que aqui acabei de descrever.

Uma boa leitura!

Ronald Rahal

São Paulo, 3 de março de 2023.

A BATALHA DO PODER

Miguel Carqueija

INTRODUÇÃO

APOCALIPSE

Depois que as fúrias se soltaram, as torneiras do céu se abriram e o mundo foi tomado pelo caos primitivo, eles se arrastaram pelas rochas agudas, fustigados pelo vento cortante e pela chuva torrencial, iluminados pelo clarão dos relâmpagos que sem intervalo, riscavam os ares, sacudidos pelos incessantes abalos sísmicos, ensurdecidos pelos trovões, perseguidos pelos projéteis lançados por vulcões em erupção, desviando-se das fendas que se abriam no solo crestado, esquivando-se aos bandos de animais em polvorosa e fugindo às bolas de fogo que vinham de todas as direções, buscando o refúgio que esperavam ainda seguro, o castelo no planalto. Parando

um instante para tomar fôlego em meio a todo aquele pandemônio, Riní desabafou:

— E tudo isso ainda não é nada, se nós fracassarmos!

CAPÍTULO 1

O TREM

Chovera durante a madrugada e agora nascia em Glória um dia radioso de sol e cores, com o arco-íris magnífico sobressaindo na paisagem. Debruçada na varanda do dormitório Lena observava o horizonte, com o pensamento distante. Em seus olhos grandes e verdes parecia estar o reflexo do arco-íris. Então alguém encostou ao seu lado, na balaustrada.

— Em que pensa, Lena?

— Penso em quem não está mais visível para nós...

— Eu estou preocupada com você. Porque você está com jeito de idéia fixa. E isso não é saudável.

— Não é bem isso, Rita. Mas... Uma idéia, apesar de tudo. Sabe...

Na pracinha cercada por espigões de 30 a 60 andares havia apenas um homem, com a cara vestimenta constituída de jaqueta, calças com cinto em lugar de suspensório e sapatos de fibra com meias; trazia uma pasta de couro, que deixara aberta ao seu lado no banco de pedra, e examinava documentos. De vez em quando fazia alguma anotação.

Na civilização de Lemuel havia pouco lugar para distrações. Mesmo num banco de praça, convinha trabalhar.

Lorne observou e comparou diversos relatórios. Um deles, por exemplo, dizia:

“Convém que as famílias aí residentes sejam retiradas dentro de sessenta dias no máximo, pois a partir desta data o empreendimento, se não estiver iniciado, começará a dar prejuízo”.

— Bonito — Disse Lorne de si para si. — Não interessa saber se essas pessoas têm para onde ir.

Há pouco, na repartição, Julius lhe confiara:

— Escute, Lorne. Deve haver algum meio de entrar em comunicação com os Rebeldes. Se eu soubesse bem que me juntaria a eles. Já estou cheio disso.

— As últimas execuções devem tê-lo aborrecido — Disse Lorne com ar grave.

— Aborrecido! Estou é enjoado! Você esquece que até amigos meus já foram mortos...

— Olhe, eu acho melhor você manter a cabeça fria. Afinal, você ainda está vivo.

— Sim, E enquanto os outros morrem, eu vou me sentindo cada vez mais como um covarde.

— Bem... Para entrar numa dessas são precisas condições... Não é fácil, Julius. Você

tem sua mãe e não convém... Nem mesmo falar certas coisas.

E agora, no banco, Lorne pensava:

“Se ele soubesse que eu próprio sou um Rebelde; que o golpe está sendo armado a cada dia que passa, e que juramos que não passará dois anos sem a libertação do país... Mas, também não podemos convocar qualquer um que não tenha certas aptidões ou que possa mesmo ser um agente provocador; um espião...”

Levantou-se e caminhou em direção à sua casa, situada a pequena distância. No portão de entrada o mordomo comunicou:

— Senhor Lorne, o Senhor Riní chegou. Está com Dona Marilú.

— Obrigado, Tody. Era do Riní que eu precisava mesmo.

Mas Riní não estava satisfeito, como Lorne logo viu. Ele se ergueu, interrompendo um chá com bolinhos, e avançou para falar com Lorne. Riní era um rapaz sardento e

dinâmico, que punha em movimento os assuntos que lhe caíam em mãos. Lorne gostava muito dele: sabia que Riní não temia arriscar a vida para cumprir o dever.

— Lorne... Acho que as coisas não andam muito bem.

— Isso eu já sei há tempos. Por que você acha que nós formamos esse grupo?

— Não brinque, eu já estive falando com a Marilú... Não podemos fazer nada pelo Tousand.

— E por que não?

— Ele será trazido num trem especial, com cinquenta guardas e proteção eletrônica da melhor espécie. Um trem só para ele, entende? Um vagão e a locomotiva. E uma vez no Triângulo ele não poderá ser resgatado. É demais para nós.

— Bem... Rezaremos por sua alma.

— Mas, há mais. Nossas sabotagens tornaram-se cada vez mais impossíveis. Sabe você que até os armazéns de beira de estrada

estão sendo equipados com aparelhos diabólicos? Imagine você: nossos homens chegam e iniciam o assalto. O sujeito lá tem um equipamento implantado sob a pele, na região da bacia. Um chip eletrônico. Bastará fazer um determinado toque, para acionar autômatos que atacam o nosso pessoal. Percebe?

— Não percebo muito bem. Como é que esses autômatos saberão exatamente quem atacar?

— Isso eu não descobri ainda, mas deve estar tudo previsto. Ou talvez eles não se importem muito de matar gente inocente...

— E outra coisa: como é que o cara com o botão implantado não o acionará por acaso, ou mesmo durante o sono?

— Acho que não poderão evitar certos acidentes. E daí?

— Mas, Riní, o quê mais você tem a dizer? Nossa causa poderá ser atrasada por causa disso?

— Atrasada? Eu sei lá se a nossa causa tem futuro!

— Nós combatemos o anti-humanismo, não se esqueça. Um tipo de regime antinatural e cruel... Que não pode prevalecer. Não há lugar para o desânimo. Só que eu acho que não se deve, simplesmente, assaltar lojas.

— Lojas do governo, lembra-se?

— Isso é burrice ou banditismo, Riní. Os empregados dessas lojas são pessoas honestas, que estão ganhando a vida e servindo ao povo. Inclusive você.

— Não são tão honestos assim.

— Alguns, talvez... Bem... Isso não importa.

— Mas, nós precisamos de fundos para as nossas operações!

— Esses fundos têm que surgir de algum jeito, mas não com assaltos. Eu vou falar do assunto na próxima semana. Isso não é uma iniciativa da cúpula, você sabe. Há pessoas generosas e ricas que contribuem. Mas, o meio